

Alberto Júlio Silva

LUGARES SANTOS
DE
PORTUGAL

História, Lenda e Devoção

a esfera  dos livros

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
NORTE	13
DISTRITO DE BRAGA	15
DISTRITO DE BRAGANÇA	56
DISTRITO DO PORTO	73
DISTRITO DE VIANA DO CASTELO	98
DISTRITO DE VILA REAL	111
DISTRITO DE VISEU	115
CENTRO	149
DISTRITO DE AVEIRO	151
DISTRITO DE CASTELO BRANCO	167
DISTRITO DE COIMBRA	173
DISTRITO DE LEIRIA	186
DISTRITO DE SANTARÉM	208

SUL	225
DISTRITO DE BEJA	227
DISTRITO DE ÉVORA	231
DISTRITO DE FARO	256
DISTRITO DE LISBOA	262
DISTRITO DE PORTALEGRE	282
DISTRITO DE SETÚBAL	287
AÇORES	305
MADEIRA	321
BIBLIOGRAFIA	335
AGRADECIMENTOS	342

*Para a Madalena e o Guilherme.
E para o Sebastião.*

Com afecto e gratidão dedico também esta Peregrinação aos membros das Direcções da APH – Associação de Professores de História – em funções de 1997 a 2010, com quem trabalhei e que depositaram em mim uma confiança que não esquecerei. De entre todos, permito-me destacar: Ana Espanha – Antónia Beatriz Almeida – António Camões Gouveia – Célia Corujo – Fernanda Traguil – Helena Veríssimo – Isabel Allegro – Jorge Sambado – Luís Filipe Santos – Maria Amélia Agra – Maria Cristina Rato – Paula Torrão – Raquel Pereira Henriques e as inestimáveis colaboradoras da APH Ausenda Regina Marques e Isabel Gomes da Silva.

Por iguais razões, não poderia deixar de mencionar a Professora Raquel Henriques da Silva.

APRESENTAÇÃO

A noção de «lugar sagrado» isto é, de um lugar ancestral em que a história, a lenda e a devoção se interpenetram, é, em si, um conceito de amplitude desmedida. A uma tal noção corresponde, em Portugal, um sem número de sítios específicos, impossível de abarcar numa simples monografia, pelo que a primitiva ambição do autor foi obrigada a ceder, e muito. Perante a enormidade da «candidatura», viu-se o autor confrontado com a razoabilidade de uma publicação menos ambiciosa, onde a escolha foi critério. Assim se excluíram lugares de carácter apenas devocional (é o caso de Fátima) ou de paridade de características, em que se optou pelo menos divulgado (como acontece com Santo António em Lisboa e em Coimbra). Poderia objectar-se que foram seleccionados outros lugares de grande preeminência devocional, como, por exemplo, o Santuário do Sameiro. Ainda aqui pesou mais o carácter e regional e a manifestação popular. Qualquer critério baseado na escolha é sempre difícil. *Hélas*.

O presente trabalho foi pensado para um público não especializado, que procure referências a locais, tradições, devoções e, quem sabe, raízes ancestrais. Muitas são certamente, as omissões e as falhas, devidas ao critério referido e, sobretudo, às limitações de quem o seguiu. Por último, e deliberadamente, se esclarece que o autor restringiu o seu critério de escolha a lugares marcados pela vivência religiosa histórica e tradicional portuguesa, caldeada na noção judeo-cristã de um Deus que se manifesta nos cumes dos montes, nas árvores, na água, nas grutas, na fundura dos vales, quase sempre para dizer a quem o procura: «constrói-me aqui uma casa porque quero morar contigo». Uma ressonância, afinal, tão bíblica.

Não posso deixar de mencionar o meu agradecimento a toda a Equipa da editora A Esfera dos Livros pela forma calorosa como sempre me acolheu; de entre todos permito-me destacar Rita Veiga e Paula Caetano, Coordenadoras

Editoriais, e Francisco Camacho, Director, pela boa vontade e competência com que acolheram esta ideia e a conduziram, sem complicações, até ao formato-livro.

Lisboa, Abril de 2016.

Alberto Júlio Silva

NORTE

DISTRITO DE BRAGA

BASÍLICA E CONJUNTO SACRO-MONUMENTAL DO BOM JESUS DO MONTE – SANTUÁRIO

**TENÕES (Braga) – Fundação: c. 1373. Escadório: a partir de 1723
– Basílica: 1784-1811 – Festa anual: 5 de Julho**

«O Santuario do Bom Jesus tornou-se a maior curiosidade de Braga, pelos seus lindíssimos jardins, parques, alamedas e lago; bem como pelo elevador, que foi o primeiro que houve na península.» Serve de apresentação ao famoso santuário este parágrafo, escrito em 1906¹. Antes de entrar na realidade conhecida do Santuário do Bom Jesus do Monte, de Braga, um olhar, ainda que rápido, à sua pré-história é necessário para melhor se poder avaliar a sua importância devocional e artística no contexto português². Primeiro, depara-se com a notícia difusa de uma cruz levantada no alto do monte Espinho. Depois com a menção feita, já no ano de 1373, a uma ermida dedicada à Santa Cruz naquele local alto. Subsequentemente o arcebispo de Braga D. Jorge da Costa, posteriormente celebrado como *Cardeal de Alpedrinha*, mandou ali construir uma segunda ermida em 1494. A ermida do Cardeal de Alpedrinha sobreviveu até 1522, quando o deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, a mandou substituir por outra, mais ampla. Melhorando as condições de acolhimento, crescia igualmente a frequência devocional ao alto do monte Espinho, o que levou a que, em 1629, o entretanto surgido grupo de zeladores se tivesse constituído em Confraria. Assim nasceu a hoje multissecular Confraria do Bom Jesus do Monte que mandou, por sua vez, edificar outra capela e nela entronizou uma imagem de Cristo crucificado; mandou ainda

a Confraria edificar também casas para acomodação dos romeiros e instalou nichos em que eram figurados alguns dos Passos da Paixão. Em suma, criou condições para a prática devocional pública da Via-Sacra. O primeiro ermitão do santuário foi Pedro do Rosário.

O acerto devocional desta prática ao ar livre correspondeu, certamente, à teoria catequética tridentina. Explicitando: após o Concílio de Trento (1545-1563) tinha ganhado grande importância na devoção católica o culto das imagens tomadas como instrumentos catequéticos aptos a mover os fiéis, pela pintura, pela escultura e pela música, a uma piedade de afectos. É a esta dinâmica que pertence o conceito post-tridentino chamado *monte sacro*, um conceito que usa a imagem sacra como meio persuasivo e indutor da fé. É também a partir desta altura que surgem as Vias-Sacras e os Mistérios do Rosário encenados³. Era requerido que o *monte sacro* fosse erigido num ambiente natural de relevante interesse paisagístico e num lugar elevado onde já existisse uma tradição secular de peregrinações e de testemunhos de fé⁴. O requisito paisagístico natural oferecido pelo monte Espinho (429 metros de altitude) foi maximamente aproveitado para a instalação das ermidas do percurso penitencial da Via-Sacra, sob o impulso do primaz D. Rodrigo de Moura Teles. A partir dos anos 1722, este grande realizador empreendeu o engrandecimento do santuário, chamando a si a orientação dos trabalhos. Foi, de facto, sob o ideário barroco de D. Rodrigo de Moura Teles que o Bom Jesus atingiu a estatura de grande santuário de peregrinação segundo a tipologia de *Monte Sacro*. Elemento *sine quo non* nesta tipologia é, antes de tudo, a escadaria monumental. A figura do *monte* como imagem do percurso espiritual da vida é uma constante na pregação, no exemplário e na literatura mística cultivada pela Igreja Católica. Aquilo que pode parecer mera cenografia de pompa barroca – a monumentalidade da escadaria e as figuras alegóricas – submete-se efectivamente a um *programa* ascético e racional. A ascensão do *monte* inicia-se passando sob o pórtico com as armas do arcebispo Moura Teles, «construtor e urbanista», sendo o peregrino informado de que acaba de iniciar a subida para a *Jerusalem Sancta Restaurada e Reedificada no Anno de 1723*. A geometria está presente na construção do todo, dispondo simetricamente os elementos. Em cada patamar, duas fontes, encimadas por duas inscrições. No patamar superior, duas capelas de planta quadrangular. Toda a subida se faz atingindo novos mistérios do Caminho de Cristo, sim, mas passando pelo conhecimento dos Cinco Sentidos que estão ali para serem domados pela Razão e pela Fé através da simultânea aquisição das Virtudes⁵. Sendo o escadório um meio físico de ascensão espiritual para a «Jerusalem Sancta», cuja figura é a Igreja no topo do escadório, não se trata aqui de nenhum processo exotérico, mas de uma *ratio catholica* plenamente barroca, solidamente estruturada numa composição geométrica precisa.



No Bom Jesus de Braga exemplifica-se em Portugal o conceito de monte sacro: desde a subida purgativa da escadaria da Paixão, através de Virtudes e Sentidos, até à entrada na Jerusalém Celeste, a própria Basílica.

São trinta e nove lanços, num total de 581 degraus, pelos quais se acede a patamares intermédios e principais. O escadório compensa um desnível de 116 metros e divide-se em três tramos: Escadório do Pórtico; Escadório dos Cinco Sentidos; Escadório das Virtudes.

Os lanços desenvolvem uma coreografia cruzada (a mais comum imagem visual do santuário), em ziguezague. Em cada lanço, uma capela, hexagonal ou octogonal, e uma fonte associada. Em cada capela se representa em esculturas de tamanho natural uma Estação da Via-Sacra. Os baixos-relevos de figuras ou divindades pagãs presentes nas fontes ler-se-ão necessariamente como contrapontos do mundo «antes de Cristo», caduco e ultrapassado pela efusão do Sangue do Cordeiro-Cristo. Após o esforço da subida, o peregrino atinge o *Terreiro de Moisés*, que, simbolicamente, dá entrada na *Jerusalem Sancta*, dentro da qual o mesmo peregrino encontrará Jesus Cristo, cuja figura não tinha encontrado ainda durante a subida. A subida do escadório monumental faz-se acompanhando a subida de Cristo ao Calvário, que, iniciada na Última Ceia, culmina na Ascensão ao Céu. O percurso alegórico-doutrinário das fontes dos Sentidos e das Virtudes, paralelo às capelas da *Via-Crucis*, é submetido ao mesmo programa global de *Monte Sacro*, ao rigoroso cuidado no manuseamento da Mitologia e da Bíblia, tendendo sempre a um fim último

iluminativo, purgativo e unitivo⁶. A Via-Sacra do Bom Jesus é constituída por dezassete capelas dedicadas à Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, assim distribuídas: Última Ceia; Agonia no Horto; Prisão ou Traição; Trevas; Açoites ou Flagelação; Coroação de Espinhos; *Ecce Homo* ou Pretório de Pilatos; Subida ao Calvário; Cireneu; Crucifixão; Elevação da Cruz; Descida da Cruz; Deposição; Ressurreição; Aparição a Santa Maria Madalena; Encontro de Emaús e Ascensão. Termina no Terreiro dos Evangelistas, elegantemente desenhado em octógono, delimitado por arvoredos e adornado com quatro fontes e outras tantas estátuas dos Evangelistas. Aqui se localiza também a Fonte do Pelicano e a Estátua de São Longuinhos⁷, que assinala o local onde em tempos se levantou a torre da primitiva Igreja do Bom Jesus. Foi oferecida em 1819 pelo Dr. Luís de Castro do Couto, de Pico de Regalados, e esculpida por Pedro José Luís. Pelo Terreiro de Moisés se acede ao adro, igualmente projectado por Carlos Amarante. Aqui estão dispostas oito estátuas de personagens que fazem parte das narrativas da Paixão: Anás, Caifás, Herodes e Pilatos, do lado Sul; José de Arimateia, Nicodemos, Centurião e novamente Pilatos, do lado Norte.

A Igreja do Bom Jesus que hoje vemos é um imponente edifício neoclássico e, como se disse, a última igreja de uma sucessão iniciada em 1373. Foi seu arquitecto Carlos Amarante, por encomenda do arcebispo primaz D. Gaspar de Bragança. A sua construção iniciou-se em 1784 e ficou concluída em 1811, embora a cerimónia da sua dedicação só viesse a dar-se em 1857. Submetida a uma rigorosa simetria, a fachada frontal é ladeada por duas torres sineiras. Chama a nossa atenção a utilização do granito à vista, emoldurando o portal e as grandes janelas e mostrando-se, trabalhado, nos cunhais, pilastras, colunas, varandim, acabamentos e coroamento das torres. Nas poucas superfícies deixadas livres, actua visualmente o reboco coberto de branco. A fachada principal divide-se em dois registos latitudinais, separados pela varanda de granito com balaustrada, a toda a largura da fachada. No registo inferior, o portal, flanqueado por quatro colunas de seis metros de altura, que servem de suporte à varanda. Entre cada par de colunas, em dois nichos, as estátuas dos profetas Jeremias e Isaías, em cujas profecias a paixão e morte de Cristo são preditas. Embebidas na parede, sob e sobre duas grandes janelas, quatro lápides: duas em cima, como homenagem da cidade de Braga ao arquitecto Carlos Amarante, uma; outra em homenagem ao grande benfeitor do santuário, Pedro José da Silva. Por baixo das mesmas janelas, outras duas lápides recordando as indulgências concedidas aos romeiros do Bom Jesus pelos papas Pio VI e Pio IX. Acima, mais duas varandas com balaustrada de granito, encimadas por mostradores de dois relógios. Ao centro, grande janelão, ladeado por outros dois, com perfil em volta perfeita e emoldurado por elementos arquitectónicos de granito à vista. Na balaustrada da varanda foram assentes as estátuas dos quatro

Evangelistas. Acima do janelão central, o escudo de D. João VI, que, em alvará de 1822, concedeu ao santuário as mesmas prerrogativas das Misericórdias e o tomou sob a sua «Real e Imediata Protecção». Como remate, a toda a envergadura da fachada, o grande frontão triangular, em cujo tímpano sobressaem os símbolos da Paixão, em baixo-relevo. As torres são rematadas por grandes pináculos rodeados por auriflamas. Apesar da adesão de Carlos Amarante ao modelo neoclássico, contido e sóbrio, os estudiosos reconhecem na fachada uma animação barroca herdada por Amarante do grande arquitecto bracarense André Soares.

Interiormente, a igreja apresenta, como seria de esperar, planta em cruz latina: nave longitudinal e dois braços latitudinais (transepto). Sobre a entrada, o coro, apoiado num amplo arco abatido e duas tribunas. Na tribuna do lado esquerdo foi instalado o órgão de tubos. Na intersecção dos dois eixos levanta-se o zimbório oitavado, também iluminante através de janelões e óculos. O zimbório é seccionado em oito gomos formando arcos cruzados, em cujos intervalos estão pintadas armas dos papas Pio VI e Pio IX e dos arcebispos Moura Teles e Gaspar de Bragança. Pela nave distribuem-se as quatro capelas colaterais com retábulos também desenhados por Carlos Amarante. Em cada retábulo figura uma tela alusiva à vida de Cristo, da autoria de Pedro Alexandrino de Carvalho. No transepto foram instaladas as capelas colaterais de Nossa Senhora das Dores e da Senhora da Soledade, do Santíssimo Sacramento e de São Clemente, esta com a relíquia do santo em corpo inteiro sob um grande mostruário de relíquias encastoadas em bustos.

A capela-mor, mantendo embora a sobriedade neoclássica, recebeu um tratamento mais requintado, com as superfícies murais inteiramente decoradas e rasgadas por seis janelas de balaustrada e com a abóbada inteiramente coberta por pintura decorativa a rodear medalhões com símbolos da Paixão. O que mais chama, porém, a atenção do visitante, é o alto baldaquino circular, em forma de coroa, suportado por quatro colunas coríntias assentes em plintos, esmaltadas e douradas, que se ergue sobre o altar primitivo, feito de um só bloco de pedra granítica. É por trás deste altar que está exposto o Calvário, peça-chave dos montes sacros. As imagens do Calvário do Bom Jesus de Braga, de tamanho natural, são da autoria do escultor bracarense José Monteiro da Rocha, com excepção da imagem de Cristo crucificado, «mandada fazer ao Reyno de Nápoles» por D. Gaspar de Bragança, em 1776. Este Calvário comporta dezassete figuras de grande tamanho. As figuras dispõem-se sobre um chão pedregoso (a condizer com o sentido de «calvário»); a Cruz de Cristo, instalada sob um baldaquino semicircular armado de brocado vermelho, tem por trás o cenário de Jerusalém.

Nas duas portas travessas da nave estão inscritas as datas do início e da conclusão da construção da igreja.

Importante realização arquitectónica em estilo neoclássico, a Igreja do Bom Jesus do Monte foi construída com generosos donativos de muitos benfeitores, enviados de Portugal e do Brasil. Entre os doadores avultam os comerciantes de Braga, Porto, Lisboa e de vários locais de emigração portuguesa no Brasil. De entre todos se destaca, pelas avultadas somas pagas aos operários e pelas ofertas de sinos e de numerosas imagens, o insigne benfeitor Pedro José da Silva, natural de S. Jerónimo de Real. A igreja do Santuário do Bom Jesus de Braga foi considerada uma das mais belas igrejas de Portugal⁸.

Promovidas pela Confraria de Bom Jesus do Monte decorreram, durante o ano de 2011, as comemorações dos duzentos anos da conclusão das obras da Igreja do Bom Jesus.

Grande e emblemático santuário, dedicado à memória e celebração da Paixão de Cristo, o Bom Jesus de Braga não tem uma festa especial. Situado na «Roma Portuguesa», com a sua abundância de festividades e celebrações, o Santuário do Bom Jesus preside às numerosas festas da cidade de Braga. Mas tem a sua «época festiva», liturgicamente falando, na Semana Maior da liturgia católica, a Semana Santa.

O Santuário do Bom Jesus é composto pela unidade de elementos arquitectónicos e paisagísticos que são a igreja, o escadório com fontes alegóricas, a Via-Sacra monumental, o jardim barroco e o parque florestal. Haverá que somar-lhes um elevador funicular e, colateralmente, instalações de alojamento e lazer. Este complexo de valências e este programa devocional serviram de protótipo a outros santuários, como o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego e, em parte, ao Santuário do Bom Jesus de Congonhas do Campo, no Brasil.

O Santuário do Bom Jesus do Monte foi classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público – em 1970 e a sua igreja elevada à dignidade de basílica em 2015.

Célebre pela sua antiguidade, o elevador do Bom Jesus foi instalado para ligar a cidade ao Santuário. Faz um percurso, paralelo ao da monumental escadaria, desde o sopé do Monte do Bom Jesus até à parte mais alta, junto da estátua de São Longuinhos. É o primeiro funicular em funcionamento na Península Ibérica. Foi autor do seu projecto o engenheiro suíço Niklaus Riggerbach. Teve inauguração em 25 de Março de 1882. Está classificado como Monumento de Interesse Público desde 2013. O santuário compreende ainda uma área arborizada – o Parque do Bom Jesus – e um jardim à francesa com diversas áreas de canteiros, grutas e lagos artificiais.

BASÍLICA E ENVOLVIMENTO SACRO-MONUMENTAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO SAMEIRO – SANTUÁRIO

ALTO DE ESPINHO (Braga) – Fundação: 1863 – Festa anual: dia 12 de Junho, Festa de Nossa Senhora do Sameiro; primeiro domingo de Junho, Grande Peregrinação da Arquidiocese

Nossa Senhora do Sameiro e Braga constituem uma espécie de união gêmea. Igrejas e santuários do Bom Jesus, existem outros, em outros lugares. Mas Sameiro só o de Braga⁹. Braga é, de facto, a *pátria* da Senhora do Sameiro. O brasão da própria e antiquíssima cidade ostenta, sobre o eixo central, a imagem de *Santa Maria de Braga*.

A história do Santuário começa em 1871, quando, para homenagear a Imaculada Conceição da Virgem Maria, o padre Martinho António Pereira da Silva (Semelhe, 1812; Braga, 1875) mandou colocar no cimo do monte Sameiro uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Foi este pequeno monumento a semente do grande santuário. Acompanhem as datas e os seus conteúdos: em 1863, no dia 14 de Junho, lançava-se a primeira pedra do monumento primitivo, celebrativo da definição do dogma da Imaculada Conceição (definido em 1854): um pedestal de granito sobre o qual viria a ser colocada uma estátua de Nossa Senhora. A estátua, de Emídio Carlos Amatucci¹⁰, tinha cerca de dois metros e meio de altura e fora esculpida numa única pedra de mármore branco. Foi este o primeiro monumento do Sameiro. Foi benzido em 29 de Agosto de 1869, na presença do arcebispo primaz, D. José Joaquim de Azevedo e Moura. Inaugurada a estátua, uma imparável romagem se iniciou até ao cimo do monte, para homenagear a Senhora da Conceição. Começou a germinar a ideia de ser ali construído um local coberto para acolhimento dos peregrinos. Os primeiros passos para a futura construção foram dados em 1870. E, em 1877, estava a obra concluída. Era ainda uma simples capela de 30 por 19 metros, construída nas proximidades do monumento mandado levantar pelo padre Martinho.

Regressando às efemérides do Sameiro: inesperadamente, no dia 9 de Janeiro de 1883, o pedestal e a imagem de Nossa Senhora da Conceição desapareceram misteriosamente feitos em pedaços. Ignora-se, ainda hoje, a causa da destruição. Apenas a cabeça da escultura se manteve intacta. Foi conservada e está exposta, como uma relíquia dos inícios do santuário. O santuário do Sameiro cresceu, assim, da semente de um aparentemente frustrado intento de levantar um simples monumento à Imaculada Conceição. Apesar da adversidade, a obra do santuário foi avante por obra de grande devoção do povo minhoto à sua Imaculada Conceição, devoção semeada e colhida pelo insigne

padre Martinho Ant3nio, «inspirado fundador do primeiro monumento à Imaculada Conceiç3o, no Sameiro» como diz a placa de bronze aposta a uma parede exterior da basílica. A sua mem3ria est3 tamb3m perpetuada num busto de bronze.

Este santu3rio minhoto 3 constituído por diversas «peças», entre as quais avulta a sua igreja, Basílica de Nossa Senhora da Conceiç3o. Feita a primeira capela nos anos 70 do s3culo XIX, ao tempo do padre Martinho, rapidamente se chegou à conclus3o de que os seus 30 por 19 metros eram insuficientes para as enchentes de peregrinos que acorriam ao Sameiro. Assim, a 31 de Agosto de 1890 foi lançada a primeira pedra para a construç3o de uma igreja maior, dedicada a Nossa Senhora da Conceiç3o do Monte Sameiro. Dadas as proporç3es da nova igreja e os obst3culos a vencer, a obra s3 muito lentamente avançou: desde a primeira pedra, lançada pelo arcebispo D. Ant3nio Honorato a 31 de Agosto de 1890, at3 à conclus3o, em 1963, passaram 73 anos! A festa da dedicaç3o da igreja foi celebrada no dia 15 de Agosto de 1963. Ap3s 1963 outras obras, de que adiante se falar3, foram feitas.

A Basílica de Nossa Senhora da Conceiç3o do Sameiro 3 um templo construído em estilo neocl3ssico, de fachada inteiramente granítica a criar um jogo crom3tico peculiar entre os panos de parede e a c3pula, caiados de branco. O eixo vertical da fachada 3 marcado pelo portal e pelo janel3o e pelo grande front3o rectilíneo. Flanqueiam a fachada duas torres sineiras munidas de carrilh3o. O grande volume da construç3o projecta para os dois lados os braços do transepto, ambos dotados de harmoniosas fachadas laterais terminadas por front3o. Na intersecç3o dos eixos levanta-se a c3pula que assenta num tambor percorrido por janelas geminadas e coroado pelo zimb3rio. O interior, em planta de cruz latina, abre-se numa sequ3ncia de v3os de volta perfeita, que desenham as capelas laterais, transepto e acesso à capela-mor. Entrando, o olhar 3 imediatamente atraído pelo harmonioso ret3bulo em forma de p3rtico, ladeado por duas grandes colunas coríntias que sustentam um entablamento percorrido por uma faixa de mármore branco, onde se pode ler a sentenç3 latina, adaptada do C3ntico dos C3nticos, *Tota pulchra es, Maria*; sobre o front3o comp3sito voam querubins, dois dos quais segurando a grande coroa dourada referente ao mist3rio da Coroaç3o da Virgem, que se mostra figurada no baixo-relevo central. Ao centro, rodeada por uma elipse de nuvens e cabeças de querubins, surge, pousada sobre um plinto e muito destacada do fundo do ret3bulo, a bela imagem devocional da Senhora do Sameiro. Um dístico dourado em baixo-relevo completa a frase de cima: *et macula non est in te*, sendo portanto a frase inteira: *Tota pulchra es, Maria, et macula non est in te* (*Toda bela 3s, Maria, e em ti n3o h3 m3cula*). A Senhora do Sameiro 3 uma escultura sacra justamente famosa: foi esculpida pelo escultor romano Eugenio Maccagnani¹¹; mede de altura 2,20 metros e chegou

a Braga no dia 29 de Agosto de 1880. Nesta imagem o escultor conseguiu uma original e bela interpretação da Imaculada Conceição, que só um artista com a escola de Maccagnani tinha condições de fazer: sobre uma semiesfera de nuvens e anjos levanta-se a figura de Nossa Senhora, de túnica azulada e manto azul, tendo poisada no peito a mão esquerda e a direita levantada em atitude de bênção. É morena, de rosto sereno e grave, cabelo escuro e cabeça envolvida num lenço de tecido listrado, de sugestão judaica. Ao seu aspecto moreno podem aplicar-se-lhe as palavras, também do Cântico dos Cânticos: *Sou morena, mas formosa, raparigas de Jerusalém!*, cantadas ou recitadas durante séculos no *Ofício de Nossa Senhora*, recitado, ainda hoje, por certas ordens monásticas. Ostenta sobre a cabeça a grande coroa real com que os bracarenses a coroaram. É feita de madeira policromada e tem pintada na base a assinatura do escultor: «Eugenio Maccagnani. Face[faciebat]. Roma 1875». O «fundador», padre Martinho Lopes, desenvolveu todos os esforços para que a imagem fosse benzida pelo próprio Pio IX. E conseguiu-o. Na face frontal do plinto em que a imagem assenta vêem-se estes dizeres: «O SS. Padre o Papa Pio IX benzeu esta imagem no dia 22 de Dezembro de 1876.» Como a Igreja do Sameiro não estava concluída, a nova imagem ficou dois anos na Igreja do Pópulo, em Braga. Foi solene e processionalmente transportada para a Capela do Sameiro, numa romagem que constituiu grandiosa peregrinação. Sendo embora uma Nossa Senhora da Conceição, ficou logo na boca de todos os seus devotos e peregrinos como «Senhora do Sameiro». Após a construção da cripta da Basílica, uma cópia foi ali colocada, em Junho de 2002, unificando assim, devocionalmente, o espaço referencial, a Basílica, e o de maior comodidade para celebrações, que é a cripta. Como prova do grande apreço em que os próprios arcebispos de Braga têm esta devoção, outra réplica está exposta à veneração numa capela lateral da Sé Primacial. Dizem os seus indefectíveis devotos que Nossa Senhora não foi ao Sameiro, mas que está no Sameiro, glosando a famosa frase do lembrado arcebispo de Braga e grande impulsionador do Sameiro, D. Manuel Vieira de Matos (no sólio primacial de 1915 a 1932), incluída num painel de azulejo da colunata: «Nossa Senhora não apareceu no Sameiro, mas está no Sameiro.»

Por si mesmo e porque ocupa o mesmo espaço onde a imagem da Senhora do Sameiro foi colocada, merece referência o altar-mor, sagrado no dia 12 de Junho de 1941. É, na sua totalidade, feito em granito branco, cinzento e rosa. O granito cinzento provém de pedreiras da região; o granito cor-de-rosa é proveniente da Galiza. O sacrário, notável peça de ourivesaria de um artista bracarense, é feito em prata cinzelada e mede 1,32 m de altura.

A dedicação da igreja foi celebrada durante as comemorações centenárias do primeiro monumento do Sameiro, isto é, em Agosto de 1963. Dada a grande importância assumida por este santuário, no dia 4 de Novembro

de 1964 o Santo Padre Paulo VI outorgou à sua igreja a categoria de Basílica. Outra grande distinção conferida ao Santuário do Sameiro, tendo em vista não só a multidão de peregrinos que a ele acorrem, como, também, a sua importância no conspecto dos santuários portugueses, é a Rosa de Ouro com que o papa João Paulo II distinguiu o Santuário do Sameiro. Esse gesto tornou-se público no dia 8 de Dezembro de 2004, dia em que a Igreja comemorava o 150.º aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. O próprio Santo Papa João Paulo II ali presidiu no Sameiro a uma memorável jornada de fé no dia 15 de Maio de 1982.

Do conjunto do santuário faz também parte o escadório monumental que dá acesso à basílica. O terraplano que se segue ao escadório tem implantados dois altos pilares de mármore, coroados, respectivamente, por grandes esculturas de Nossa Senhora do Coração de Jesus. Foram inaugurados a 13 de Junho de 1954.

Pertence também ao Santuário a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, mandada construir pela Confraria no lado Norte da Basílica. Esta gruta evoca a gruta das aparições de Lourdes (1858), onde Nossa Senhora se identificou como a Imaculada Conceição. Quatro anos antes tinha o papa Pio IX proclamado como dogma aquela prerrogativa da Virgem. Razões estas suficientes para que no perímetro do santuário tenha sido implantado um monumento ao Papa da Imaculada Conceição. Foi inaugurado no centenário da proclamação, em 1954. João Paulo II, peregrino do Sameiro, ali tem um monumento evocativo, inaugurado no dia 3 de Junho de 1984. Também não foi esquecido o sacerdote diocesano a quem se deve a escolha do local e a implantação do primeiro monumento à Imaculada Conceição: o padre Martinho António Pereira da Silva, cujo busto de bronze ficou implantado na mais extensa avenida do Sameiro.

Tendo em vista a comodidade dos fiéis, a pluralidade dos grupos e as enchentes multitudinárias foi pensado para o subsolo da Basílica de Nossa Senhora da Conceição um outro espaço, a cripta, um espaço maior que a basílica, funcional e sem condicionamentos. Foi benzida e inaugurada no dia 17 de Junho de 1979. Por baixo da nave da igreja foi escavado um túnel que permite fácil intercomunicação entre a basílica e a cripta. Para a entrada deste túnel foram trasladados os restos mortais do padre Martinho, o «inspirado fundador» do Sameiro.

Se na basílica há obras de arte de cariz mais austero e em materiais nobres e preciosos, na cripta as intervenções artísticas são de carácter mais nosso contemporâneo, a começar pelo grande painel de azulejo relevado, com a imagem de Nossa Senhora do Sameiro, realizado por Querubim Lapa a partir de desenho do antigo reitor, cónego José Borges, e continuando, depois, pelos notabilíssimos painéis policromos, em cerâmica de médio relevo, que

revestem as paredes da cripta, também eles da autoria do grande pintor e ceramista, mestre Querubim Lapa¹². No domínio da arte contemporânea e destinado ao Altar-Mor da Cripta do Santuário, referimos ainda o painel de pintura a óleo sobre tela, de Óscar Casares¹³, denominado «Salve Regina», realizado em 2006.

Como grande santuário mariano que é, dos mais frequentados em Portugal, o Santuário de Nossa Senhora do Sameiro recebe, no correr do ano, várias peregrinações: a grande peregrinação da Arquidiocese de Braga realiza-se no primeiro domingo de Junho. Logo a seguir, no dia 12 de Junho, celebra-se a Festa de Nossa Senhora do Sameiro, com grande afluência de fiéis; por fim, no terceiro domingo de Agosto realiza-se também a peregrinação estatutária.

Não pode fechar-se a notícia sobre o Santuário do Sameiro sem uma grande referência à sua Confraria. Os Estatutos da Confraria da Imaculada Conceição do Monte Sameiro foram redigidos em 1877, altura em que ficou concluída a primeira igreja. Em 1888, o rei D. Luís concedeu-lhe o título de Real Confraria. Ao longo da vida do santuário é à Confraria de Nossa Senhora do Sameiro e Reverendos Reitores que se devem as grandes obras de beneficiação do conjunto paisagístico e arquitectónico do santuário.

BASÍLICA, IGREJA E RECINTO DEVOCIONAL DE SÃO BENTO DA PORTA ABERTA – SANTUÁRIO

RIO CALDO (Terras de Bouro, Braga) – Fundação: c. 1615 – Festa anual: 20 de Março, 11 de Julho e 15 de Agosto

Segundo investigação do Professor Avelino Costa¹⁴, é agora possível tratar o Santuário de São Bento da Porta Aberta com objectividade histórica, sem os fumos lendários que o cercaram até aquele investigador ter encontrado o documento-chave que permitiu chegar à simples verdade dos factos sobre o surgimento do santuário. Sobre a sua fundação, sem referências históricas, corriam lendas. Todos sabemos que tudo o que é tradição oral sobre achamentos e aparecimentos a pobres, crianças e simples, constitui grande parte do acervo da religiosidade popular. Trata-se de histórias de sabor lendário que constituem um género popular de hagiografia ingénua que não pode ser tratado como invenção ou simples superstição mas deve ser correctamente interpretado, ainda que as fronteiras do histórico e do tradicional nem sempre se possam definir com clareza. Criação lendária é isso mesmo:

criação. O trabalho histórico não cria: situa e interpreta, a partir de dados e documentos. Isso mesmo conseguiu o reverendo Doutor Avelino Costa que, em relação a São Bento da Porta Aberta, diz: «Ora, a Divina Providência permitiu que, neste ano jubilar [1980] em que se comemora o XV centenário do nascimento do glorioso taumaturgo, encontrássemos o documento tão ansiosamente desejado, e que adiante transcrevemos. Perante a sua meridiana clareza, caem por terra todas as lendas e congeminações sobre a antiguidade e motivos da fundação do célebre santuário.»¹⁵ Esse documento é a provisão do arcebispo primaz D. Frei Aleixo de Menezes (arcebispo de Braga de 1612 a 1617) relativa à petição que lhe dirigira o abade (pároco) da freguesia de Rio Caldo no sentido de obter licença para construir uma ermida no lugar da Seara da Forcadela, visto este lugar ficar muito distante da igreja paroquial. De facto, o visitador paroquial, cónego Miguel Pinheiro Figueira, verificando não ser possível aos fiéis o cumprimento do preceito dominical, «ordenou ao abade da freguesia, Padre João Rodrigues, que, até ao Natal seguinte, mandasse construir uma ermida no referido lugar “por ser muito necessário e do serviço de Nosso Senhor (...)”. Em Junho de 1615, [o abade] requeria licença para celebrar missa na ermida, que dedicara [ao] Padre Senhor São Bento, que está feito de vulto [em escultura], de quatro palmos e meio em alto, muito bem pintado». A licença para na ermida se poder celebrar missa foi concedida pelo arcebispo primaz a 29 de Junho de 1615. Porém, a nova ermida de São Bento não se converteu de imediato em grande centro de peregrinações. Só com o correr do tempo isso aconteceria (cotejamos livremente o texto do Professor Cónego Avelino Costa), tanto assim é que a *Corografia Portuguesa*, cujo 1.º volume foi impresso em 1706, não menciona a dita capela. Só em 1758 a ermida é citada pelo cura de Rio Caldo como centro de grande devoção: «À ermida de São Bento acodem muitos devotos e é frequentada a sua imagem nos dias do seu orago e em muitos mais dias do ano, pelos muitos milagres que obra em sua imagem.» No século seguinte, em 1845, o padre João José Peixoto, arcipreste de Pico de Regalados, informa que a capela «Hé notável pelo numeroso concurso de romeiros, que ahi se juntão em quasi todo o anno, sendo mais celebres os dias do primeiro sábadado da quaresma, de 21 de Março, dia dos Prazeres de Nossa Senhora, no dia 11 de Julho, e desde 10 d’Agosto até dia d’Assunção de Nossa Senhora. Hé grande a occurencia dos povos, e com tanta copia de esmollas que não há negocio de mais importancia entre aqueles paroquianos do que tractarem da eleição de paroquia com ponderosos impenhos (...). A Capella está mui decente e tem os necessarios paramentos para nella se celebrar. Conserva sempre a porta aberta, ainda que de proposito se feche.» Todas estas informações se devem à pesquisa do eminente académico e eclesiástico, que acompanhamos. Conclui ele desta forma o seu artigo no *Diário do Minho*: «– 1) A capela de São Bento foi construída por imposição



Ali, em Rio Caldo, **S. Bento da Porta Aberta** tem capela desde o século XVII. Todo o Minho para lá corre. Foi preciso fazer outra, que é Basílica, e ainda outra, nova, de madeira, vidro e ferro, que deslumbra...

do visitador e não por iniciativa do pároco nem dos devotos; – 2) O pároco, Padre João Rodrigues, teve a providencial inspiração de a dedicar a S. Bento, dando origem ao actual santuário. (...); – 3) O grande desenvolvimento do culto a S. Bento deu-se a partir de meados do século XVIII, data em que a capela se chamava apenas de São Bento, a que, anos mais tarde, se acrescentou “da Porta Aberta”, por a sua porta se manter sempre aberta, como disse o Arcipreste, padre João José Peixoto, em Dezembro de 1845; – 4) A abundância das esmolas deu lugar a abusos de pessoas que procuravam governar-se à custa delas, em vez de promoverem o culto do santo titular; – 5) Depois de meados do século XIX, a capela foi substituída por ampla e bela igreja, ultimamente muito valorizada (...) A partir de 20 de Março deste ano [1604] o padre João Rodrigues assina já como abade de Rio Caldo, onde continuava